



História da África e dos afro-brasileiros: contando histórias dos povos de Tradição Oral em Alcobaça - BA

Kaliana Oliveira da Hora¹ 

RESUMO

O objetivo do texto é relatar a experiência de ensinar História da África e das culturas Afro-brasileiras na disciplina *Estação do Saber VII: Vivências e Práticas Experimentais Transdisciplinares - Identidade e Pertencimento com ênfase em Relações Étnico-raciais*, em 2024, para o público de estudantes do Ensino Médio no Colégio Estadual Eraldo Tinoco, localizado em Alcobaça - BA. A ação surge da necessidade de combater estereótipos e preconceitos sobre a história da África e seus descendentes; educar para o respeito à diferença e valorizar a diversidade cultural, bem como apontar metodologias, recursos didáticos e resultados que podem servir de inspiração ou serem inseridos por educadores e artistas da palavra atentos à ampliação e efetivação da Lei 10.639/2003, atualizada pela 11.645/2008. Nessa perspectiva, são relatados trabalhos realizados a partir dos contos Axantes ou contos de Ananse, histórias de pescadores, literatura negra, rodas de conversas e produção de vídeos.

Palavras-chave: Contação de histórias, Diversidade Cultural, Educação étnico-racial.

History of Africa and Afro-Brazilians: telling stories of the people of Oral Tradition in Alcobaça - BA

ABSTRACT

The objective of this text is to report the experience of teaching the History of Africa and Afro-Brazilian cultures in the course Station of Knowledge VII: Transdisciplinary Experimental Experiences and Practices - Identity and Belonging with an emphasis on Ethnic-Racial Relations in 2024 for high school students at Colégio Estadual Eraldo Tinoco, located in Alcobaça, Bahia. The initiative arises from the need to combat stereotypes and prejudices about the history of Africa and its descendants; to educate for respect for difference and value cultural diversity; as well as to highlight methodologies, teaching resources, and results that can serve as inspiration or be incorporated by educators and word artists attentive to the expansion and implementation of Law 10.639/2003, updated by 11.645/2008. From this perspective, the work carried out based on Axante tales or Ananse tales, fishermen's stories, Black literature, discussion groups, and video production is reported.

Keywords: Cultural Diversity, ethnic-racial education, Storytelling.

Historia de África y de los afrobrasileños: contando historias de los pueblos de tradición oral en Alcobaça - BA

RESUMEN

El objetivo de este texto es relatar la experiencia de enseñanza de la Historia de África y las culturas afrobrasileñas en el curso Estación del Conocimiento VII: Experiencias y Prácticas Experimentales Transdisciplinarias - Identidad y Pertenencia con énfasis en las Relaciones Étnico-Raciales en 2024 para estudiantes de secundaria del Colegio Estadual Eraldo Tinoco, ubicado en Alcobaça, Bahía. La iniciativa surge de la necesidad de combatir estereotipos y prejuicios sobre la historia de África y sus descendientes; educar para el respeto a la diferencia y valorar la diversidad cultural; así como destacar metodologías, recursos didáticos y resultados que puedan servir

¹ Mestra em História Local pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Especialista em Narração artística: caminhos para contar Histórias pela Faculdade Conectada (FACONNECT) / A Casa Tombada. Professora na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Tubarão, 280, casa, Praia do Farol, Alcobaça, Bahia, Brasil, CEP: 45910000. E-mail: kalianaolivero10@gmail.com.



de inspiración o ser incorporados por educadores y artistas de la palabra atentos a la expansión e implementación de la Ley 10.639/2003, actualizada por la 11.645/2008. Desde esta perspectiva, se relata el trabajo realizado con base en cuentos de Axante o Ananse, historias de pescadores, literatura negra, grupos de discusión y producción de video.

Palabras clave: Contar historias, Diversidad cultural, Educación étnico-racial.

INTRODUÇÃO

O presente artigo relata a experiência de lecionar História da África e dos afro-brasileiros para estudantes do 1º ano do Ensino Médio em Tempo Integral. Para isso reflete: por que contar histórias de povos de Tradição Oral? Como ensiná-las? Quais recursos utilizar? Nessa perspectiva, são elencadas competências e habilidades a serem desenvolvidas, comentadas obras literárias afro-brasileira e africana, e apresentados trabalhos desenvolvidos pelos estudantes que contemplam as histórias de Ananse² e histórias de pescadores de Alcobaça, sendo ambos considerados povos de Tradição Oral.

No Colégio Estadual Eraldo Tinoco, localizado na cidade de Alcobaça, no extremo sul da Bahia, em 2024, atuei como professora da disciplina *Estação do Saber VII: Vivências e Práticas Experimentais Transdisciplinares - Identidade e Pertencimento com ênfase em Relações Étnico-Racial*. Foi nesse período que desenvolvi o trabalho relatado.

Lançado o desafio de lecionar temas étnico-raciais, sobretudo história do povo africano e afrodesscente, iniciei uma experiência de valorização da História e cultura africana e dos afro-brasileiros, colaborando com a ampliação e efetivação da Lei 10.639/2003, atualizada pela lei 11.645/2008. No Art. 26, a referida lei torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena no Ensino Fundamental e Médio nas escolas públicas e privadas do Brasil.

O estudo da História da África não pode ser reduzido à história da escravidão. É necessário desconstruir imaginários nos quais o continente, bem como os povos que lá habitam e os seus descendentes, sejam vistos como filhos, netos, bisnetos e tataranetos de escravos. Isso afeta a autoestima dos estudantes negros, bem como colabora com a perpetuação de práticas racistas que restringem pessoas negras aos lugares de subalternidade. Como alerta Chimamanda Adichie (2019, p. 14) “[...] a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

² Conforme o povo Axante, Ananse seria uma aranha com comportamentos semelhantes aos modos humanos. Suas histórias são originárias da África Ocidental. Elas transmitem valores desse povo.





Durante muitos séculos, predominou a escrita de uma história da África como lugar da fome, miséria, selvageria, ignorância e escravidão realizada por cientistas, filósofos e historiadores. Para Hernandez (2005), o racionalismo, método criado no século XVI e consolidado entre os séculos XVIII e XIX, fundamentou-se em princípios éticos, políticos e morais colonialistas que até os dias atuais geram preconceitos e estereótipos sobre a África, os africanos e seus descendentes.

Os estereótipos e preconceitos eram legitimados pela ciência. Aqueles que eram considerados cientistas, segundo os critérios europeus, tinham o saber e o poder necessários para isso. Conforme Chimamanda (2019, p. 12), “[...] o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”.

Além da Ciência, a História negou a historicidade de partes do continente. Hernandez (2005) aponta que, para os intelectuais, haveria uma África branca, com atributos semelhantes aos europeus, e uma África negra, que segregada da África branca pelo deserto do Saara, não mantinham comunicação. Para Hegel (apud Hernandez, 2005), a África Setentrional, vinculada ao Mediterrâneo, pertencia à Espanha, separando-se da África Meridional, onde se localizava o Egito, pelo deserto e o Rio Níger. Já a África mesmo estava ao Sul do Saara. De todo modo, no século XIX, a África negra seria uma África sem Estado, povo, nação e passado, portanto um território sem História.

Na contramão do ocorrido, a Antropologia e a História sobre a África, desde meados do século XX, têm feito cair por terra as teorias oriundas do século XIX e produzido estudos que apontam complexidades sociais, culturais e econômicas do continente, da mesma forma, reconhecem a potência de revelar histórias de valorização do povo e do território africano. Junto-me que compreendem que as histórias podem ser usadas para desconstruir preconceitos, sensibilizar para o respeito às diferenças e empoderar pessoas, pois “As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 16).

Nessa perspectiva, o presente trabalho relata uma experiência de contação de histórias sobre o Povo Axante e Povos de Tradição Oral na cidade pesqueira de Alcobaça, Bahia, realizadas com estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de colaborar para que educadores e artistas da palavra possam ter esse trabalho como referência na produção de outros trabalhos realizados em espaços educativos.





Durante a execução das atividades, defini as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes. Entre as competências previstas nas *Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio*, volume 2 (Bahia, 2022), escolhi:

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Bahia, 2022, p. 217).

Entre as habilidades descritas no documento citado anteriormente elenquei:

Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Bahia, 2022, p. 218).

Lancei mão de uma diversidade de recursos: contos de tradição oral, filme, literatura afro-brasileira e literatura africana. Sendo importante destacar que a literatura oral e a literatura escrita não foram postas como formas opostas ou hierarquizadas. A literatura escrita foi importante ao destacar o negro brasileiro e o africano, não como tema, mas como escritor e escritora, como aponta Petronilha Silva (2005, p. 164) “[...] o negro não somente tem sido tema na literatura brasileira. Sabemos todos que muitos têm criado, sendo inúmeros nossos escritores descendentes de africanos”. Já a oralidade foi considerada como fonte de conhecimento importante na preservação e valorização da cultura africana e alcobacense a partir dos contos de Ananse e contos de pescadores.

O POVO AXANTE E AS HISTÓRIAS DE ANANSE

“Quando falamos em África, quais imagens veem a nossa mente?” As rodas de conversa foram iniciadas a partir dessa indagação. Foram explorados conhecimentos prévios dos estudantes sobre o continente africano. As respostas apontaram para um histórico escolar em





que a história da África era pouco presente. Os estudantes associaram o território à selva, aos desertos, à miséria e à escravidão.

Em seguida, com a intenção de sensibilizarmos sobre as histórias que são contadas, lemos e conversamos sobre o poema *Navio Negreiro*, de autoria de Solano Trindade (2020). O poema destaca que, durante a travessia, a melancolia era presente, contudo, a carga ali era humana e cheia de resistência, inteligência e poesia. O poema reivindica a humanidade que foi negada ao povo negro. Daí foram reconhecidos saberes, valores e bens que atravessaram o Atlântico ou foram criados em território brasileiro, como a capoeira e o candomblé, que possuem influência africana e foram elaborados no Brasil.

Os estudantes tiveram como tarefa para casa pesquisar sobre o povo Axante. Localizados na África Ocidental, os Axantes pertencem à etnia Akan. Durante os séculos XVII e XX, os Axantes detinham poder político e se destacavam pelo intenso comércio de ouro retirado das minas em sua região e pela produção de belos tecidos utilizados pela elite local, e até hoje, são conhecidos pelas histórias contadas. Segundo Badoe e Diakitê (2006), os primeiros a contar histórias de Ananse foram os Axantes. Para os autores,

Ananse é considerado um herói que cria a cultura. Ele é um intermediário entre o mundo dos seres divinos, que deram origem a tudo, e o mundo dos homens, que têm de seguir as regras estabelecidas pelos deuses. As normas ensinadas por Ananse são a base da boa convivência entre as pessoas (Badoe; Diakitê, 2006, p. 89).

A partir da diáspora africana, os Axantes espalharam as histórias de Ananse pelo mundo. Ananse é uma aranha que se comporta como gente. A partir das suas vivências, são transmitidos valores e costumes desse povo.

Na aula seguinte, os estudantes socializaram suas pesquisas. Eu contei histórias, como *O Baú de Histórias de Ananse e Ananse e o pote da sabedoria* (Badoe; Diakitê, 2006), e conversamos sobre o que as histórias nos contam. O primeiro conto narra as estratégias de Ananse para conquistar o Baú de Histórias para uma aldeia africana, tornando o lugar mais alegre. Na ocasião, aproveitei a oportunidade para provocar a elaboração de conexão da história com a História do surgimento do Ser Humano na África. Os primeiros fósseis de homínídeos, conforme pesquisas científicas, foram encontrados em sítios arqueológicos na Tanzânia e na África do Sul, sendo afirmado que a vida humana surgiu lá. Nesse contexto, faria sentido que as primeiras histórias surgissem no continente também.

O conto *Ananse e o pote da sabedoria* gerou várias reflexões. Segundo conto, Ananse afirmava ser o animal mais sábio de todos os animais. Ele foi desafiado a recolher toda a sabedoria do mundo para si. Sua tentativa foi um fiasco. Após reunir toda a sabedoria em um





pote, Ananse deixou o pote cair. O pote quebrou. Todos os seres que presenciaram a cena pegaram um pouco de sabedoria para si.

Conversamos sobre a hierarquização do conhecimento, sobre pessoas de África terem sido vistas como povo sem cultura e sem conhecimento e o povo europeu como únicos fazedores de História no século XIX. Conceitos como o racismo e etnocentrismo foram apresentados nesse dia.

O racismo foi exposto a partir de duas faces. Na primeira, como “[...] um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.” (Gomes, 2005, p. 52). Já na segunda, “[...] como um conjunto de idéias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores” (Gomes, 2005, p. 52), isto é, o racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

O etnocentrismo foi compreendido como “[...] um sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras” (Gomes, 2005, p. 53). Assim, ocorre quando valores universais são procurados e não são encontrados na cultura do outro. Frustrado por não encontrar valores próprios em outras culturas, o etnocêntrico busca impor a sua cultura ao outro. Torna-se agravante quando elabora “[...] uma idéia de que o outro, visto como o diferente, apresenta além das diferenças consideradas objetivas, uma inferioridade biológica, o etnocentrismo pode se transformar em racismo (Gomes, 2005, p. 54).

O livro *Histórias de Ananse* de autoria de Adwoa Badoe, escritora e contadora de histórias nascida em Gana, e de Baba Wagué Diakité, pintor, ceramista, escritor e contador de histórias nascido no Mali, publicado no Brasil pela Editora SM em 2006, foi de fundamental importância ao longo das aulas. Nessa obra, constam dez contos de Ananse.

O livro foi apresentado para os estudantes. As turmas foram divididas em grupos de quatro pessoas. Cada grupo recebeu orientações sobre contar histórias e um desafio: contar uma história de Ananse. Cumprido o desafio, os estudantes realizaram as contações em sala, foram feitas considerações e posteriormente gravaram vídeos contando histórias. Os vídeos, também, foram socializados nas aulas.

Leia o QRCode e acesse a contação *Ananse vira dono de todas as histórias*, realizada por um dos grupos:





Figura 1 – QRCode de acesso à contação da história *Ananse vira dono de todas as histórias*



Fonte: Dados de pesquisa (2024).

Ao recontar a história, os estudantes mantiveram contato com uma prática cultural do povo Axante trazida para o território a partir da diáspora africana. Considerando o contexto cultural em que vivem, criaram sentidos à história contada. Preocupados em imputar lição às histórias, interpretaram como mensagem da história não desistir dos objetivos, pois Ananse conseguiu alcançar os seus.

Comprometidos com a experiência, bem como com a partilha da história, seguiram as orientações dadas durante as aulas: estudaram a estrutura do conto, memorizaram a história, criaram uma ambientação, definiram e executaram papéis que resultaram nessa gravação.

POVOS DE TRADIÇÃO ORAL

Em outras aulas, estudamos um pouco mais os contos de tradição oral. Foi exibido para a turma o filme *Kiriku e a Feiticeira*, dirigido pelo francês Michel Ocelot. Conforme Porto e Vargas (2016), o filme tem como ponto de partida um conto de tradição oral do oeste africano que narra a história de uma criança que fala ainda na barriga da mãe. O diretor teve contato com contos dessa origem ao viver parte de sua infância na Guiné.

Kiriku fala antes de nascer, ainda pequeno anda e é muito curioso. Movido na busca pela resposta do motivo pelo qual a antagonista, Karabá, é má, Kiriku vive muitas aventuras.





No contato com o avô, Kiriku encontra resposta para as suas perguntas. Descobre como livrar Karabá da maldade que lhe oprimia e fez com que ela oprimisse os moradores da aldeia.

Identificamos no avô e na mãe de Kiriku personagens que preservam valores e memórias a partir da oralidade, como ocorre com contadores de histórias em diversas sociedades africanas e afro-brasileira. Além disso, as memórias preservadas e transmitidas de geração em geração foram vistas como fundamentais para Kiriku vencer o mal e trazer felicidade para a sua comunidade.

Os estudantes refletiram sobre a presença da Tradição Oral em sociedades africanas e na comunidade de Alcobaça, reconhecendo as marisqueiras, os pescadores e adeptos da religião de matriz africana como pessoas que transmitem seus conhecimentos a partir da oralidade. Eles foram orientados a colher e a socializar histórias contadas pelos familiares. Depois entrevistaram pessoas da Tradição Oral, entre elas pescadores. Cabe salientar que Alcobaça é uma cidade pesqueira. Com base nas entrevistas, foram produzidos contos. Posteriormente, os estudantes foram orientados a construírem roteiros de vídeos e, em seguida, materializá-los.

Veja o vídeo *O grande peixe Mero*, de autoria dos estudantes Kauan Santos, Thainny Pereira, Randriely Alves e Sophia Santana por meio do QRCode:

Figura 2 – QRCode de acesso à contação da história *O grande peixe Mero*



Fonte: Dados de pesquisa (2024).





Assistam ao vídeo, *O pescador*, elaborado pelos estudantes, Davi Amaral, Karolayne Costa, Luanna Birindiba e Pietro da Silva, via QRcode:

Figura 3 – QRCode de acesso à contação da história *O pescador*



Fonte: Dados de pesquisa (2024).

As histórias sobre pescadores que pegaram um peixe grande se assemelham à história do *Grande peixe Mero*. A pesca para a comunidade remete à prática alimentar, geração de renda e aos momentos de lazer. Daí surgem contos fantásticos. Um grupo de homens sai para pescar. No meio da contação, o estudante Kauã Oliveira anuncia que Seu Benedito já sabia: eles iriam pegar o maior peixe das suas vidas. Mais tarde é revelado o feito surpreendente: o peixe capturado pesava mais de trezentos quilos.

Na história *O pescador*, os estudantes leem e contam a história de Francisco, um pescador que aprende com o pai a pescar. A pesca aparece, mais uma vez, como meio de subsistência e geração de renda. Entretanto, ao conceder sentidos à história, os estudantes revelam ser a história uma história de preservação de tradições e meio ambiente e o pescador um conhecedor da natureza. São relatadas, ainda, experiências difíceis, como os períodos de escassez dos peixes e os riscos ocasionados pelas tempestades.

Para ambas as gravações, os estudantes escolheram contar histórias em ambientes que dialogam com a história. Na história do *Grande peixe Mero*, foi escolhido o Porto de Alcobaça. Já na história o *Pescador*, escolheram a praia como ambientação.





Para Bá (2010), nas nações modernas, a escrita possui precedência sobre a oralidade, considerando o livro o único veículo da herança cultural, e os povos sem escrita, povos sem cultura. Na cultura escolar, a cultura escrita prevalece sobre a cultura oral. Os pescadores costumam ter baixa escolaridade, portanto podem ser vistos como pessoas que possuem pouco a ensinar. Nesse contexto, colher e contar histórias sobre eles foi, também, uma oportunidade de valorizar conhecimentos antes não valorizados. Sendo boa parte dos estudantes filhos, netos, primos e sobrinhos de pescadores, marisqueiras, membros das marujadas, torna-se significativo e transformador realizar ações educativas que prezam pela palavra, visto que: “A fala é, portanto, a materialização da cadência. E se é considerada tendo o poder de agir sob os espíritos, é porque sua harmonia cria movimentos, movimentos que geram forças, forças que agem sobre os espíritos que são, por sua vez, a potência da ação” (Bá, 2010, p. 176).

Colhendo palavras, materializamos ações de ensino-aprendizagem e reconhecemos potências. As leituras e discussões foram cruciais no processo de ensino-aprendizagem, ademais, a busca pela história contada oralmente e o seu compartilhamento gerou valorização da história da comunidade e o reconhecimento dos povos de Tradição Oral como criadores de conhecimento e de valores. Colaborou ainda com a construção de outras narrativas sobre a História do Brasil, “[...] se a história ensinada na escola souber contemplar também a história vivida no dia-a-dia dos grupos menosprezados pela sociedade, então estaremos ensinando e aprendendo a história brasileira integralmente realizada” (Silva, 2005, p. 164).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano letivo de 2024, lancei-me ao desafio de desconstruir estereótipos sobre o continente africano, os africanos e os afrodescendentes, sendo possível apresentar para os estudantes outras visões de África. Contos de Tradição Oral Africana foram estudados, lidos e contados por estudantes do Ensino Médio. No encontro com histórias africanas, também ocorreu o encontro com pessoas e histórias próximas de nós, uma vez que os estudantes colheram histórias familiares, histórias pertencentes aos pescadores da comunidade de Alcobaça, Bahia.

Foi a primeira vez que a maioria deles teve acesso à literatura oral e escrita africana e a autoria negra afro-brasileira. Em tempo, cabe salientar que os estudantes que participaram das aulas eram majoritariamente estudantes negros, sendo importante o trabalho de valorização das





histórias africanas e afro-brasileira, não somente pelo respeito às diferenças, mas pelo respeito à sua própria história e valorização da própria autoestima.

Os conteúdos trabalhados mostraram ser possível ensinar História e Cultura Afro-Brasileira em diálogo com as Artes (Literatura e Contação de Histórias), História e Tecnologias Digitais. Entre as competências a serem trabalhadas no Ensino Médio, foi possível valorizar conhecimentos historicamente construídos para compreender um pouco da história de africanos por meio dos alcobacenses, colaborando, desse modo, com uma sociedade mais justa, visto que apresenta narrativas mais inclusivas sobre ambos os povos; povos pouco valorizados no currículo escolar.

Estudar as histórias de Ananse compreendendo-a como parte de práticas culturais localizadas na África Ocidental e localizar onde foram encontrados os primeiros fósseis humanos (Etiópia e na África do Sul) possibilitou reconhecer a diversidade cultural de um continente erroneamente considerado como um país por boa parte da população.

No processo de ensino-aprendizagem, os estudantes não foram tratados como receptores de conteúdos acumulados historicamente. Eles agiram como protagonistas na construção do conhecimento, inclusive desenvolveram competências e habilidades ao estudar e comparar diferentes fontes de conhecimento e materializar parte do que foi aprendido a partir da coleta de histórias, produção de textos e vídeos realizados de maneira individual e coletiva.

Sendo oriunda de outro território, pude exercitar também o lugar da escuta e aprender com os estudantes sobre práticas culturais da cidade. Para isso Bá (2010. p. 212) oferece um aconselhamento difícil de realizar, mas necessário seguir na busca: “[...] para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se a escuta”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **O perigo de uma única história**. São Paulo: Schwarcz, 2019.

BÁ, Hampatê. Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. Disponível em: https://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/hga_I_metodologia_e_prehistoria_da_africa.pdf. Acesso em: 8 ago. 2025.

BADDOE, Adwoa; DIAKITÉ, Wagué Baba. **Histórias de Ananse**. São Paulo: SM, 2006.





BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Documento Curricular Referencial da Bahia para o Ensino Médio**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022. v. 2. Disponível em:

http://dcrb.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2023/01/documento_curricular_da_etapa_do_ensino_medio_novo.pdf.

Acesso em: 19 set. 2025.

BRASIL. **Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília:

Presidência da República, 2008. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 8

ago. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre>

[Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre). Acesso em:

19 set. 2025.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita a história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005.

KIRIKU e a Feiticeira (Kirikou et la Sorcière). Direção e roteiro: Michel Ocelot. França: Les Armateurs; France 3 Cinéma, 1998. 1 filme (75 min), son., cor. Disponível em:

<https://ok.ru/video/1053089401463>. Acesso em: 19 set. 2025.

PORTO, Maria Bernadette Velloso; VARGAS, Luísa Zanini. O conto oral e as vozes. In: SILVA, Silmara Cristina Dela da (coord.). SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFF ESTUDOS DE LITERATURA, 7., 2016, Niterói, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. Niterói-RJ: Letras da UFF, 2016, p. 461-472. Disponível em:

<http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIISAPPIL-Lit/article/viewFile/489/357>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e Ensino de Africanidades Brasileiras**. In: MUNANGA, Kabengele (org). Superando o Racismo na escola. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em:

https://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 19 set. 2025.

TRINDADE, Solano. Navio Negreiro. In: IANCOSKI, Jéssica. **Podcast Toma Aí Um Poema**, v. 1, n. 1, mar. 2020. Disponível em: <http://podcast.tomaaiumpoema.com.br/30-poema-navio-negreiro-solano-trindade/>. Acesso em: 8 ago. 2025.



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 29/08/2025	Received on: 29/08/2025
Aceito em: 26/10/2025	Accepted in: 26/10/2025
Publicado em: 04/02/2026	Published on: 04/02/2026
Conflitos de Interesse A autora declarou não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT HORA, Kaliana Oliveira da. História da África e dos afro-brasileiros: contando histórias dos povos de Tradição Oral em Alcobaça-BA. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102013. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1761	How to cite this article - ABNT HORA, Kaliana Oliveira da. History of Africa and Afro-Brazilians: telling stories of the people of Oral Tradition in Alcobaça - BA. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102013. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1761
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.